

O Castanheirense

Fundador: DR. JOSÉ FERNANDES DE CARVALHO

AVENÇA

Jornal Regionalista — Por Castanheira de Pêra e Região

ANO X	Redacção, Administração e Oficinas: Castanheira-de-Pêra — Telefone 16	Director e Editor: Adriano José Sebastião Coelho	Propriedade das Of. Gráficas da Ribeira de Pêra, Lda Chefe da Redacção: António Maria Saraiva	N.º 309
----------	--	---	--	------------

"Não há direito!"

ERTAS frases fazem época e carreira. Se do nosso tempo não ficar outra lembrança, mais valiosa e perdurável, ficará, ao menos, a recordação histórica das «tiradas» que inventamos e usamos *ex-abundante* na nossa passagem por este planeta no século XX.

«Não há direito!»

Esta é uma das que criaram fundas raízes e se empregam a cada passo e instante. Chega a ser vício e mania!

A maior parte das vezes é descabida, não tem qualquer fundo de justiça, é inoportuna e imprópria; mas, para dar a impressão intencional dum sentimento inexistente, não há outra igual.

O semelhante, ao escutá-la, sente-se reconfortado, com mais ânimo para protestar e reclamar, — ainda que não tenha razão... nem o tal direito.

Observadas as aplicações da filosófica frase, chegamos a estas conclusões:

— A mulher é despresada e abandonada com o filho nos braços.

«Não há direito!»

Mas os que assim se pronunciam, já fizeram o mesmo quantas vezes lhes apeteceu...

— Isto é uma exploração, um roubo escandaloso!

«Não há direito!»

Mas os que se manifestam desta maneira andam no *mercado negro* ou também fazem nos seus negócios o que podem...

— Tanta miséria, tanta desgraça!

«Não há direito!»

Mas os que demonstram tamanha indignação, não dão um passo para minorarem essa miséria e essa desgraça, e, bem vistas as coisas, até concorrem com seus «nobres esforços» para que uma e outra aumentem a todo o momento!

— Isto é uma infâmia! Uma pouca vergonha!

«Não há direito!»

E afinal, sempre que clamam justiça e gritam contra as iniquidades humanas, não têm autoridade moral para o fazer, porque as suas vidas são verdadeiros rosários de patifarias!

— «Não há direito» para aqui; «não há direito» para ali; «não há direito» para todos os lados...

E cada vez há menos direito, e cada vez anda tudo mais torto, a começar pelos próprios moralistas que se servem daquela exclamação para exteriorizarem os seus sentimentos tão justos e tão humanos!...

Nunca o «Direito» se sentiu tão humilhado, tão diminuído, tão apoucado no seu merífico esplendor!

Principiando na «fôrça» que o esmaga e terminando na acção individual que o nega constantemente, é um longo cortejo de tragédia e de contradições.

E só «não há direito» para meter o juízo na cabeça dos homens e o mundo nos devidos eixos...

Edifícios dos CTT

Nós, regionalistas de «quatro costados», ficamos com certa ponta de *inveja*, quando sobre a nossa banca de trabalho se movimentam «linguados» que *falam* desta airosa maneira:

A recente inauguração de dois novos edifícios dos Correios em Odeira e Ourique ajusta-se perfeitamente a alguns comentários oportunos sobre o grande plano de apetrechamento geral do País e especialmente sobre a acção que nele desenvolve a Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones.

Em todos os sectores se faz sentir esse impulso renovador do Estado Novo, por toda a parte atestado com obras que marcarão uma época na nossa história. E' porém fora de dúvida a importância que na vida de hoje têm as comunicações postais, desempenhando um papel de veículo de aproximação e união entre a família humana, facilitando as suas relações e desenvolvimento.

A guerra, há pouco terminada, reflectia-se também no plano geral dos CTT, mas apesar disso a obra prosseguiu em ritmo intenso, na medida em que as dificuldades de importação permitiram a renovação de material técnico. Um aspecto desse plano há, todavia, que metódicamente se foi realizando e que serve de motivo a estas considerações: o da construção de novos edifícios onde, a par de um louvável gosto que constitui exemplo arquitectónico há a desejada e indispensável comodidade para os funcionários, condições necessárias a um maior rendimento dos serviços.

São já muitas dezenas de cidades e vilas onde essas novas construções constituem motivo de beleza, garantia de eficiência e sinal de boa orientação.

De um extremo ao outro do País, quer no Continente quer nas Ilhas Adjacentes, a renovação e melhor apetrechamento continuam, na prossecução de uma política que não olha a regionalismos mas às mais urgentes necessidades nacionais, como se prova pela conclusão dos últimos edifícios dos CTT em A'gueda, Aljustrel, Almeirim, Anadia, Bragança, Coruche, Crato, Fronteira, Montijo, Moura, Niza, Odemira, Ourique, Pedras Salgadas, Proença-a-Nova e Vila Franca-de-Xira, sem falar na renovação do material ou beneficiação de toda a ordem em muitos outros sectores e através os vários serviços.

São bons sinais dos tempos estes planos que se executam, as comunicações que se aperfeiçoam, as terras que progridem, no ambiente de ordem que Carmona e Salazar deram ao

"O CASTANHEIRENSE"

SEMANÁRIO

A Administração de «O Castanheirense» procede aos últimos retoques nos seus orçamentos, nos quais se baseia a passagem do nosso jornal a semanário.

O mesmo sucede na redacção deste trimensário, onde se trabalha na selecção de novos colaboradores; criação de diversas secções, e ampliação na parte que diz respeito a noticiário.

Vai, pois, ter realidade aquela nossa vontade que há muito andava arrimada ao pensamento que nos incita a lutar pelo progresso de Castanheira-de-Pêra e seu Concelho. Essa realidade dará o seu primeiro passo muito brevemente.

Assim, enfileira «O Castanheirense» na valorosa ala dos semanários de Portugal.

§ § §

E' compreensível o aumento de preço na assinatura de «O Castanheirense» — uma insignificância — que esperamos ser agradavelmente acatado pelos seus estimados subscritores que, desta forma, mais uma vez, colocarão bem alto o seu zelo de regionalistas.

§ § §

Aos nossos solícitos correspondentes pedimos que nos enviem os originais até quinta-feira de cada semana, para melhor, e com oportunidade, darmos vulto à secção «Notícias & Informações».

«Mãos à obra!»

País, sob a estrutura financeira que lhe granjearam e sob a verdadeira consciência que renovaram à Nação.

Rejubilamos, entusiasmados, com o crescente desenvolvimento do nosso País. As colunas deste jornal nunca se tornarão escassas para propagar a louvável acção do Governo.

De olhos postos no vasto programa que o Estado Novo executa metódicamente, Castanheira-de-Pêra espera, muito em breve, ver edificad no terreno para esse fim disponível, o seu edifício dos CTT.

E' de justiça — de justiça e de direito!

«Traços do Extremo Oriente»

Da autoria do grande escritor Wenceslau de Moraes, (falecido). Vai reaparecer a 2.ª edição do sugestivo volume, «Traços do Extremo

Oriente», de que é depositária e editora a importante Livraria Barateira, da rua Nova da Trindade, 16-A — Lisboa.

Composição e impressão: Oficinas Gráficas da Ribeira de Pêra. — Castanheira-de-Pêra.

O problema do Pão

Numa nota oficiosa o Sr. Ministro da Economia informa o País sobre o que se passa em todo o mundo com o abastecimento de trigo e as medidas usadas pelos próprios países produtores do precioso cereal, que se sentiram forçados a restringir o consumo para acudir a outros povos necessitados.

Nessa nota são expostos os trabalhos e cuidados do Governo para que a Nação não tenha faltado até agora o pão, dando a conhecer que se não se conseguirem remover as dificuldades terão de ser tomadas medidas — como já o foram, desde o dia 1 do corrente mês — para restringir parte do consumo.

Nenhum português poderá atribuir ao Governo a mínima parcela de responsabilidade pelas medidas tomadas no sentido de não faltar o pão por completo ao reduzir o seu consumo. Quando nos Estados-Unidos, Canadá e Inglaterra se volta ao tipo de pão único, não haverá razão para censuras, mas apenas todos nos lamentamos de Portugal não produzir o pão suficiente para a sua população.

Felizmente que não sofremos os estragos materiais da guerra ainda em rescaldo, para avaliarmos as terríveis deficiências que no estrangeiro geram a fome e a miséria.

§ § §

Graças à boa-vontade das respectivas autoridades, foi possível adquirir 8.000 toneladas de trigo americano e 8.000 toneladas de trigo canadiano.

Tais compras se não são de montante que torne desnecessária uma redução do consumo do pão, já permitem, no entanto, determinarem-se restrições mais ligeiras do que aquelas que anteriormente seriam de prever.

§ § §

Julgou-se que não se devia deixar de abranger o pão de milho consumido nas zonas de racionamento e isto porque há, também, dificuldades quanto ao abastecimento de milho, em consequência da escassez da colheita continental, e não obstante se estar a transportar de Angola todo o milho disponível. Prevê-se, em todo o caso, que os trabalhadores de esforço penoso tenham uma ração farta, e vai adoptar-se um sistema pelo qual se torne possível, na prática, o recurso a estas razões por parte daqueles a quem as mesmas são destinadas.

Notas de 20\$00

As notas de 20\$00 escudos, chapa 5, ouro, (efigie de Mousinho de Albuquerque), serão retiradas da circulação até ao dia 12 de Junho do corrente ano.

Não pode o público recuzar a sua aceitação até essa data.

Retiradas da circulação, as referidas notas, só podem ser trocadas na sede do Banco de Portugal, em Lisboa.

CARTÕES DE VISITA. Executam-se nas oficinas e O Castanhense.

GASTANHEIRA DIVERTIU-SE!...

Não fomos à função em homenagem ao senhor Carnaval. Já o conhecemos como Rei dos Parvos — porque muito parvo fomos, quando nos deixamos enlevar pelas frutas apetitosas da sua árvore geneológica, úbere de Colombinas que queimam como brasas e enganam como nozes... E não fomos à função, também, porque... Rei Momo, numa noite tenebrosa de música, de perfumes, de luz e de cores, num assalto traiçoeiro, vestindo dominó e empunhando uma lâmina, nos obrigou, para sempre, ao frio sorriso da dor...

Não fomos à função em homenagem ao senhor Carnaval, mas conservamo-nos no nosso posto de noticiário para informarmos que a linda Castanheira se divertiu — como num sonho delicioso... que se desfaz em desenganos... E sabemos que a formosa Castanheira se divertiu, pela voz tagarela da serpentina muito espreitada, que, narrava sucessos do derradeiro baile, ao «confeti» estafado, e seus acólitos (papelinho de rebuçado e «prata» de chocolate), depois de serem postos à porta do salão, às ordens da vassoura municipal, por considerados inconvenientes.

Não logramos do gósto da função, mas aqui estamos a pinçar — por dever de ofício — descolorida aguarela do Carnaval da Castanheira:

TEATRO

Como anunciamos com a merecida oportunidade, um grupo cénico local, constituído por amadores da divina Arte de Talma, levou à cena no confortável teatrinho do Clube Castanhense, nas noites de 2 e 3, duas comédias e um acto de variedades.

E' nosso dever estimular quem se abalança a enfrentar os clarões da ribalta. O teatro educa e forma sociedades mais chegadas e compreendidas. Parece-nos que só o Entrudo é capaz de conduzir certa mocidade da vila à sombra das gambiarras! E' pena! Em Castanheira há vocações.

Sobre os espectáculos — sempre toleráveis, quando por iniciados — nada podemos referir suscitado pela nossa opinião.

O senhor empresário preocupou-se demasiadamente com o sucesso da bilheteira...

MOUROS...

Depois do crepúsculo acinzentado de domingo, rompeu a noite fria e escura um grupo de «mouros» que emprestou, por instantes, às ruas interiores de Castanheira, o aspecto da misteriosa Mauritânia.

Um bom par de rapazes de gósto apurado, trajando a preceito costumes muçulmanos, representando o califado, visitou muitas das famílias gradas castanhenses, entre as quais foi recebido com requintes de gentileza, sendo-lhe servido finas iguarias acompanhadas de apetitosas bebidas.

O original do «califado» mantinha-se numa simulada operação cirúrgica feita a um suposto paciente que depois de salvo jurava eterna vassalagem ao seu soberano, ao mesmo tempo que era lido o «papiro» em linguagem hebraica... seguindo-se cânticos orientais de humorismo leve, muito agradável.

Verdade se registre:

Entre os naturais disparates carnavalescos que muito acreditam o reverendíssimo aldrabão Momo — foi este um dos disparates inteligentemente urdido por um bom par de sociáveis rapazes que soube conquistar a graça!

BAILES

Está de parabéns o Sport Lisboa e Castanheira de Pêra. Merece especiais aplausos a Comissão organizadora das diversões carnavalescas naquele florescente centro recreativo.

O noticiário colheu impressões aqui e acolá. Procurou, mesmo, os mais especializados dançarinos que desferiram opiniões desta ordem:

— Magníficos, os bailes no S. L. e C. de P.! Nunca se efectuaram idênticos! Movimento, encanto e alegria. Um interminável friso de caras lindas de meninas e senhoras, abriu, em alto relêvo, o símbolo da beleza.

Crianças de todas as idades, caprichosamente fantasiadas, imprimiam vida e cor, entre o ziguezaguear da serpentina nervosa.

Passaram-se horas de deliciosa lembrança, sem a mínima nota discordante.

Só a madrugada fez retirar, saudosa, a numerosa família do S. L., que abandonou o seu salão satisfeita pelos momentos de satisfação decorridos em três noites de larga f. lgança que já mais serão olvidadas.

REVOADA...

O último dia de Entrudo fechou maravilhosamente.

A ampla Praça do Visconde de Castanheira de Pêra ofereceu, naquela tarde de uma terça-feira de sol luminoso, aspectos deslumbrantes.

Um grupo folclórico desta vila coloriu e animou com seus trajes e bailados aquela artéria. Raparigas e rapazes de mocidade vigorosa, embalaram na brisa mansa as suas espirituosas canções de interessante filigrana regional. E num crescente de entusiasmo surgem de cada rua as embaixadas de Pisões e Palheira.

Vibram pandeiretas nas mãos de mulheres airosas. O pavimento é, inesperadamente, transformado num vasto tablado onde dezenas de pés bailam ao compasso de músicas bem portuguesas que este franco e sincero povo beirão

Vida associativa

Centro Recreativo UNIÃO PERENSE

Em segunda convocação reuniu a Assembleia Geral do Centro Recreativo União Perense, para apreciação de contas e eleger novos corpos gerentes para o ano de 1946, que ficaram assim constituídos:

Mesa da Assembleia Geral — Presidente, Doméciano Antão; vice-presidente, António Lopes David; secretários, Joaquim Ferreira Novo e Manuel Paulo Júnior.

Direcção: Presidente, Manuel Rodrigues Lopes; vice-presidente, Armindo Rodrigues; secretário, Abílio Rodrigues Lopes de Carvalho; tesoureiro, Sebastião Antão; vogais, Herculano Assunção Paiva, Marcelino Tomás e Augusto Bernardo.

Conselho Fiscal: Presidente, Francisco Fernandes Simões; secretário, Joaquim Ferreira; relator, Manuel do Nascimento Simões.

sabe interpretar com arte e sentimento.

O garrido berrante dos fatos das raparigas; o vermelho de sangue das faixas dos mocetões; as vozes cheias de frescura entretidas com versos singelos; as «rodas» bem combinadas; as «filas indianas» de marchas apressadas, prenderam na Praça que regurgitava, muitos olhos enlevados pelo raro e surpreendente espectáculo que o anónimo artista — o Povo — tão enlevadamente sabe desempenhar, mostrando a sua grande alma de lusitano, que mesmo a sofrer sabe cantar!

Muito bem, Mocidade ardente e simpática de Castanheira, Pisões e Palheira!

A serra, nem sempre tem neve — esta derrete-se ao calor dos vossos beljos e com o ardor das vossas canções!

E... em revoadas, quasi ao recolher do sol glorioso, foi morrer nas curvas dos caminhos distantes, a última quadra da boca escarlata e o derradeiro som da pandeireta daquela mão calejada...

PONTO!

O último retoque da grande paródia. — «O Entérro do Entrudo»:

No começo da noite de quarta-feira, aparatoso cortejo fúnebre atravessa as ruas da vila com elevado número de «carpideiras» a acompanhar o féretro. A' frente, rapazes e homens seguram tochas de lumes lacrimajantes. De entre o alarido cresce um vozeirão que diz os «resposos» numa linguagem incompreensível. Os assistentes gulhofam e o entérro, com repetidas paragens, vai seguindo o seu destino, até à Praça principal, onde é tirado do esquife um grande boneco, representando o Entrudo, que depois é queimado, entre fortes explosões de dinamite e o gáudio popular.

Todos retiram convencidos de ter desaparecido o maior dos aldrabões. E todos recolhem a casa, sem olharem para trás...

§ § §

Ponto final!

O noticiário arquiva as últimas notas. A caminho da banca de trabalho encontrou o principal personagem do «entérro». De passo apressado, deu-nos a impressão que ia mascarar-se de homem para continuar a farsa da vida...

PEREIRA DA SILVA (PEDRO)

Carreira Diária de Passageiros**BOLO—LISBOA**

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços,
Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa
Concessionários:

Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.^{da}
Séde—FIGUEIRÓ DOS VINHOS—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Coentral	—	17,50
Bolo	5,55	—	Bolo	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras || Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa Auto-Lys R. da Palma-Tel. 21363

ALBERTO Lopes

Rua Duque da Terceira, 123—Telefone 4401

PORTO

Maquinismos e seus pertences para as indústrias textis. Especialidade em correinhas e botas para aparato de cardas; correias de couro, atilhos e ganchos para coser correias; cordas de algodão. cordão para fusos e todos os acessórios em couro para teares. Pano riço verde. Cartão para prensa e teares. Cardo vegetal, etc., etc.

TRAPPOS

PARA A INDUSTRIA DE LANIFÍCIOS

L. FARGE, L.^{da}

RUA DO FREIXO, 1291 — PORTO

Telefones: Urbano 4494 e Estado 197

Endereço telegráfico: EGRAF—Porto

Casa especializada estabelecida há 40 anos em Portugal e há mais de 100 anos em Espanha

Logo que o restabelecimento da normalidade o permita, voltaremos a apresentar à nossa clientela os escolhidos algodões indianos que forneciamos antes da guerra e tão apreciados foram sempre pela indústria de lanifícios nossa cliente

AGENTES: (José Coelho Junior — Castanheira de Pera)
(António Pereira Pais Espiga — Covilhã)

Eduardo Pereira Pinto & Filhos

Telefones P B X (Fábrica: 1 366)
(Escritório: 1 318)

Endereço Telegráfico: DORATO

FÁBRICA DE ACESSÓRIOS PARA FIAÇÃO E TECELAGEM

A maior organização do género no País

Fábrica e Escritório: Rua o Duque de Saldanha, 150 — PORTO

Liços metálicos, em aço. Grampos de aço temperado. Caixilhos (Perchadas) Malhões e Tirantes. Molas espirais. PENTES. Latas de Fibra Vulcanizada para Fiação. Cartões de Aço para Teares Romanos. Bobines em Madeira. Canelas. Lançadeiras de todos os tipos. Pinos de Madeira. Tempereiros. Pinças. Tezouras de Tecelão. Ganchos para coser Correias, etc.

Esta Casa tem sempre, para entrega imediata, todos os artigos de seu fabrico a PREÇOS CONVINDATIVOS.

AGENTE em CASTANHEIRA-DE-PERA: José Coelho Júnior — Telefone 16. Tem em Depósito os Nossos Artigos

Oficina Mecânica

DE MÁRMORES E CANTARIAS

Casa fundada em 1 de Janeiro de 1920

— DE — **Aparício Cardoso**

Rua Voluntários da República, 56 **TOMAR** Telefone N.º 90

Encarrega-se de jazigos, campas, mausoleus, pedras para móveis e balções, frentes para estabelecimentos, cantarias para obras e todos os serviços que digam respeito à sua arte.

Enviam-se desenhos e orçamentos a quem os solicitar

Agente em Castanheira de Pera e Região

José Coelho Júnior

CASA DOS LINHOS

TEIXEIRA DE ABREU & C.^a, L.^{da}
32, 33, 34—Largo 28 de Maio
35, 36, 37—GUIMARÃIS

Fabrico especial de panos de linho, atalhados, panos de algodão colchas e bordados regionais

PREMIADO NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

A Renovadora

Oficina de Reparações e Reconstruções em todo o sistema de máquinas de escrever, somar, calcular e registadoras, etc.

Pessoal competente

MAIS DE 30 ANOS DE PRÁTICA

Garantimos todas as reparações

Sortido especial de acessórios para escritórios

Oferece aos seus conterrâneos Castanheirenses os seus serviços em LISBOA na Rua do Arco Marquês do Alegrete, 78-40

Telefone: 2 0375 P. F.

O Jornal VAI ao fim do Mundo. Com o Jornal pode ser conhecida a fama dos produtos que cada um fabrica ou vende.

O TURISMO COMO SE TEM FEITO...

Por **ULISSIDES**

TURISMO é semelhante ao homem; quanto mais se fala nele na ordem teórica, tanto mais, na realidade da sua expressão prática se desconhece... Como a arquitectura, o turismo é uma arte e uma técnica.

Fazer turismo apenas em bases artístico-literárias, é o mesmo que dilenar um belo edifício supondo que, por isso, o edifício está concluído, mas também é certo que sem um projecto bem elaborado, assente em cálculos exactos, nada se pode fazer, neste como em muitos outros domínios.

O turismo resulta da harmoniosa combinação da *propaganda e da organização*. A primeira parte está desenvolvida, quasi inteiramente, em Portugal. Todos têm, mais ou menos, uma consciência turística, uma sensibilidade turística, que se manifesta, desde a brilhante acção do Secretariado Nacional da Informação e Cultura Popular, até à actividade dos presidentes das Câmaras Municipais das mais pequenas vilas portuguesas. As ideias são boas, naturalmente baseadas sobre o incomparável e rico património folclórico, artístico e natural do País. Publicações ótimas, quer sejam representadas por pequenos artigos, quer por revistas de vulto e actualidade europeia, como o «Panorâma», ou por cartazes, entre os quais pode citar-se o da Louzã, eficaz na intenção publicitária e verdadeiramente artístico na expressão.

Poderia alargar-me nestas apreciações, verdadeiramente positivas no que respeita às manifestações gráfico-artísticas e literárias do turismo em Portugal, mas... Mas quasi todos pretendem atingir fins ideais e, poucos, para não dizer nenhuns, visam a alcançar fins práticos e comerciais, de verdadeira utilidade. É necessário primeiro, para se fazer bom turismo, distinguir *literatura-turística*. A primeira, é, neste país, magistral, a segunda praticamente, pode dizer-se que não existe.

Pela expressão *industria-turística* deve entender-se uma organização de conjunto, que procure utilizar o movimento turístico segundo uma directriz consciente e não a pequena ou grande mas isolada! Iniciativa embora sagaz, de um homem de negócios que levanta um hotel, abre um restaurante ou estabelece uma carreira de caminhetas.

O turismo em Portugal, encontra-se ainda na fase *sebastianista*. Cada entidade ou cada um: — Comissão de iniciativa, hoteleiro, dono de pousada, agência de turismo, ou editor de folhetos de propaganda, apresenta as suas atracções, quasi todas boas, e depois fica à espera do «Sebastião turista» como quem tendo comprado uma cautela, espera paciente que lhe saia o prémio!

Se, quem escreve estas linhas, ditadas por uma longa experiência da vida internacional turística, fôsse pessoa mal intencionada, podia talvez dizer até que, para muitos dos que se ocupam de turismo, este não passa de um pretexto (só parcialmente justificado pelas realidades histórico-literárias) para acções fundamentalmente exhibicionistas.

Quem assim julgasse o problema, cometeria, porém, um erro, pelo menos de proporção.

(Conclue no próximo número)

ERNANDO GAMA

Fanqueiro — Retrozeiro
MODAS

37, R. dos Remédios, 37 A

(Alfama)

LISBOA

Telefone: 2 7165

Envia-se qualquer pedido de
nostras para a PROVÍNCIA

Dr. Fernando Lacerda

Director da 1.ª Clínica de Oftalmologia
do Dispensário Policlínico Central
Ex-Assistente da Faculdade de Medicina
(Instituto de Oftalmologia Dr. GAMA
PINTO)

**Doenças dos Olhos
Operações**

Calçada do Carmo, 6, 1.º D. (Rossio)
Telefone 2 2070

Lisboa

Consultas às 17 horas, excepto as 5.ªs
feiras

Imprensa

«Correio do Sul»

Depois de demorado período de suspensão reapareceu o nosso colega de Faro, «Correio do Sul», de que é proprietário o sr. Alvaro Lemos.

Este jornal é dirigido pelo Sr. Mário Lyster Franco, conhecido jornalista e classificado escritor algarvio.

Os nossos cumprimentos com desejos de prolongadas felicidades.

«Jornal de Sintra»

Este esplêndido semanário que o nosso camarada António Medina Júnior dirige, com desassombro, na defesa do progresso da linda localidade onde se publica, entrou no XIII ano de existência.

Aprezenta-se com uma artística capa que guarda rasoável número de páginas, algumas firmadas por nomes de reconhecido valor na Imprensa.

Que continue singrando com audácia e desafogo, são os nossos votos.

«O Barcelense» — Passou mais um aniversário este nosso colega, que vê a luz da publicidade na florescente cidade de Barcelos.

Que ao iniciar o seu 36.º ano de vida, pise a esteira da felicidade.

«Semana Tirsense» — Entrou no 47.º ano de existência este nosso estimado confrade, que tem lutado, com brilho, pelo desenvolvimento da vila minhota de Santo Tirso.

Aos seus dignos Directores e a quantos trabalham dentro do seu jornal, as nossas felicitações.

Recortes da «ÍNDICE»

Recebemos os recortes desta semana da «Índice», acreditada Empresa de Recortes dos Jornais.

Como até aqui, a «Índice» prima pela excelente apresentação e metodicidade dos seus trabalhos, vindo os recortes colados em bonitos impressos, a jeito de formarem úteis colecções ou figurarem em arquivos.

A «Índice», que tem por missão recortar dos jornais, para os seus assinantes, os assuntos que a estes interessam, é recomendável como auxiliar precioso em todos os ramos da nossa actividade, e tem os seus escritórios na rua do Trombeta, 10 — LISBOA.

Vai a Lisboa?

Hospede-se na PENSÃO CASTANHEIRENSE, junto à Igreja de S. Domingos, a mais central de Lisboa

Luxuosamente ampliada, com esplêndidos quartos. Optimo serviço de mesa e a preços acessíveis, Máxima seriedade

Rua dos Correeiros, 264, 2.º dt.º e Esq. — Telef. 28454 em todos os andares

BOMBA RELÓGIO

E 20 METROS de TUBO GALVANIZADO de POLEGADA.

VENDE-SE. Informa esta Redacção

LENDA ESCANDINAVA

As Lágrimas

PELA parte inferior do vale, que já o crepúsculo começava a mergulhar em sombras, vagueava um par de seres humanos: um homem e uma mulher, cujos passos se tornavam cada vez mais lentos, como se se achassem cansados por grande fadiga.

De repente a mulher lançou prolongado suspiro e, extenuada por tão prolongado caminhar, sentou-se a descansar debaixo da sombra de uma árvore. O homem sentou-se compassivamente ao lado dela.

— Dorme, disse-lhe, consolando-a, amanhã podemos continuar a nossa peregrinação com renovadas forças.

E colocando a cabeça da mulher sobre os seus joelhos, recostou-se contra o tronco da árvore.

A mulher contemplava, fixa e angustiosamente o longo caminho que acabavam de percorrer. Arrependimento, dor, ansia infinda pelo longínquo e perdido Paraíso, achavam-se impressos nos seus olhos. Olhou e olhou por muito tempo, até que o Anjo do Sono se inclinou sobre ela, e docemente lhe cerrou os olhos.

Aquêle homem e aquela mulher, eram Adão e Eva, nossos primeiros pais, que desterrados por Deus, do Eden, ainda se encontravam sem albergue, sem lar, errantes sobre a Terra.

O Anjo do Sono velava, enquanto eles dormiam.

Os lábios da mulher começavam a mover-se, ela contemplava no seu sono o Paraíso, e murmurava dolorosamente:

— Oh! Senhor! Em nossa vida já mais tornaremos a disfrutar um reflexo ao menos do Eden?

O Anjo do Sono era o amigo do género humano desde a sua origem e, ao ouvir a queixa da mulher, elevou-se rapidamente para o trono de Deus.

— Senhor! Lhe disse: contempla as tuas criaturas, elas estão a sofrer! Elas não encontraram ainda lugar de repouso na terra, a recordação do perdido Paraíso, privados de toda a firmeza e valor! Concede-lhe alguma coisa do que perderam! Alguma coisa que, nos dias de infortúnio, possa aliviar os seus corações, e nos dê da alegria suas delícias e que, através mil gerações, faça perdurar nelas a memória do bem-aventurado Paraíso.

O Criador escutava com indulgência a súplica do Anjo.

— Seja como tu desejas,

(Segue na 5.ª página)

NOTAS — Bibliográficas

«Contos Indianos», por autores diversos — Editorial «Gleba», Lda — R. da Madalena, 211-2.º — Lisboa.

Eis um volume que condensa em si todo o mistério e beleza das lendas indús. E' nestas lendas que se baseiam os contos para crianças espalhados pelas «sete partes» do mundo, o que equivale a afirmar que o livro em referência pode ser lido por toda a gente, e, inclusivamente, por meninos da escola primária.

Se não fôsse parecer comercialismo, recomendá-lo-ia. Mas como óptima prenda. E' realmente um mimo, o livro.

Mas, deixemos a obra sob o ponto de vista de literatura infantil, e analisemo-lo sob o seu aspecto filosófico. E' a interpretação da religião de Buda, divulgada através das lendas que correm de lés a lés o mundo asiático. A selecção está bem feita e Silvina de Troia Gomes procedeu com muito critério englobando no volume e logo ao princípio as «Budha Jalatas».

O ligeiro opontamento acêrca da literatura indú que serve de perfácio ao livro, valoriza-o. Merece, por curiosidade, menção, a boa disposição de espírito da tradutora e seleccionadora ao escrevê-lo.

E' o vigésimo volume da colecção «Contos e Novelas» que a todos, e mais uma vez, recomendamos.

Marcus

Nesta secção far-se-á a critica literária de todos os livros de que nos sejam enviados dois exemplares.

As lágrimas

(Continuado da 3.ª página)

disse; vai ao jardim do Eden, toma o ródio das suas flores, e leva-o ao homem e à mulher; verte-o em seus olhos durante o sono, e que o rocio se torne para eles naquele presente que tu imploras.

E o Anjo obedeceu. Desta maneira o homem e a mulher obtiveram as lágrimas, as lágrimas de dor e de alegria.

Desvaneceu-se a noite, e com ela fugiu o sono dos olhos de Adão e Eva.

De comum acôrdo, tornaram eles durante o dia a caminhar errantes pelo vale; mas, ao chegar a tarde e olharem de novo, ansiosamente, para o Paraíso, aconteceu uma coisa maravilhosa: inundaram-se de lágrimas os seus olhos, e através êsse véu, sentiam mitigar-se as suas angústias e aprenderam, daí por diante, a resignar-se com a sua sorte, acatando, humildes, o merecido castigo.

§ § §

Tal é a origem das lágrimas, dêsse consôlo infinito, doce presente de Deus, ao triste género humano.

Elisa Ayla González

Trad. de NUNO BEJA

CAFÉ CENTRAL

O melhor desta Vila
Telef., 16 — Cabine Pública, 2

Um pouco de optimismo

Por MÁRIO ALVES

A nossa vida decorre numa inquietação constante. Todos nós somos atormentados por pesados problemas, que nos tiram a alegria, a boa disposição para viver, o optimismo vai perdendo adeptos. Interrogamos amedrontadamente o futuro e receamos que êle traga qualquer coisa de mau. Nunca ninguém soube o dia de amanhã, é certo. Mas, também, mais do que nunca, êle é agora incógnita indecifrável, senão terrível. E' que passamos a adivinhar que êle há-de surgir catastroficamente para os nossos desejos.

A leitura dos jornais aumenta a nossa angústia. Fala-se da bomba atómica, do desentendimento entre os governos, duma possível guerra. Alguns chegam a prever o fim do mundo. De maneira que as pessoas são tomadas por um pessimismo compreensível e dizem:

— Não sei para que houve esta guerra!

— Porque é que morreu tanta gente!

— Não se vê nenhuma melhoria de vida!

Os políticos em vez de atacarem duramente os problemas urgentes, preparam a reconstrução da Europa arruinada, preocupam-se mais com divisões territoriais, com retiradas de tropas, etc.

Olhamos êste estado de coisas e desiludimo-nos. Para que foi, pois, tanta morte?

Nos países tomados pelo último flagelo os pais não sabem dos filhos, as crianças estão abandonadas, a fome reina. A desorganização é total. E nós, intuitivamente perguntamos se os homens que morreram serviram unicamente para fazer parte dos números lacónicos dos mortos e desapareceram.

Vêm os escritores e pintam a miséria. Vêm os poetas e cantam um mundo que não vemos.

Não admira, pois, o nosso estado de espírito.

Ele é lógico, humano. Depois das grandes hecatombes, vêm sempre períodos de crise. Mas nós não podemos desanimar, temos à nossa frente um caminho a seguir. O mundo não pára, nem se aproxima do fim. Ele há-de girar constantemente, eternamente.

E' certo que nós vamos construir o que nós próprios destruímos. Temos de levantar novas casas, temos de construir novas fábricas, temos de normalizar a nossa vida. Mas, que ninguém diga que tudo fica na mesma! Isto seria a negação do progresso,

um contra-senso. Temos a história a mostrar-nos que o homem nunca ficou de braços cruzados.

Demora tempo, é verdade. Mas porventura existe alguma coisa no mundo que não requeira tempo?

«Roma e Pavia não se fizeram num dia».

A reconstrução do que havia não se vai fazer também numa semana. E' esta demora que provoca mais pessimismo, mais desilusões. O homem actual tem desconfiança, quer em si, quer nos outros. Mas êle não pode tomar uma posição apática. Tem de trabalhar. A guerra foi um mal — toda a guerra é um mal — mas depois dela o homem traça caminho para uma vida melhor.

A melhoria do nível de vida virá. Não se sabe quando, mas virá. Resta-nos esta certeza. E partindo dela nós temos obrigação de encarar o nosso papel na sociedade com ânimo e coragem. Todos nós somos precisos.

Esta inquietação actual desaparecerá, como desapareceram as anteriores.

O pessimismo de momento compreende-se. Não se aceita.

Posto de venda de selos

Para comodidade do público foi montado no Café Central, propriedade do Sr. José Coelho Júnior, à rua Manuel Alves Tomás, um posto de venda de selos e postais dos CTT, facilitando assim a aquisição, visto que só a estação do Correio os fornecia.

COBRANÇA

Dados os grandes encargos que temos, vimos respeitosamente apelar para todos os nossos estimados assinantes e muito especialmente aos residentes no estrangeiro e nossas colónias, o favor de liquidarem as suas assinaturas em atraso.

HENRIQUE LACERDA

ADVOGADO
FIGUEIRÓ DOS VINHOS
TELEFONE 2
Em Pedrógão Grande:
A'S SEGUNDAS-FEIRAS

Manuel Brinca

MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DOS OLHOS
Rua Ferreira Borges, 162, 2.
(A PORTAGEM)
Telefones: Consultório 3039
Residência 3509
COIMBRA

Dos nossos Amigos

Pagamento de Assinatura

Na nossa Administração foram liquidadas as assinaturas dos nossos estimados subscritores:

Srs. Manuel Fernandes, da Anrica do Norte, paga por seu irmão Sr. João Fernandes, da Louzã; Manuel José, de Lisboa; Germano Figueiredo, de Lisboa; João Antunes Correia, de Fontão; Domingues Figueiredo, de Coimbra, paga pelo Sr. Manuel Costa, desta vila; José Gomes, de Sarzedas do Vasco; Agostinho dos Santos, desta vila; Vasco Gama F. Carvalho, desta vila; Matúrgica Serralgodão, Limitada, S. Paulo (Brasil), paga pelo Sr. Argemiro Alves Tomás, do Trovcal; Adrião Henriques dos Reis, S. Paulo (Brasil); António Pereira Alemão Júnior, de S. Tomé; João Simões e Domingos Carreira, do Rio de Janeiro (Brasil), pagas pelo Sr. Horácio Carreira, também da cidade; Joaquim Alves, de Lisboa; Augusto Rodrigues Nogueira, de Lisboa; Fernando Gama, de Lisboa; José Lopes Antão, de Lisboa.

A todos, os nossos agradecimentos.

Abastecimento de milho

O Ex.º Sr. Manuel Alves Ceppas, por alguns moleiros terem depositado, em devido tempo, as importâncias destinadas ao milho que lhes foi atribuído, o que não prejudicaria o abastecimento do milho, adiantou a quantia de 25.000, conseguindo-se assim o regular abastecimento para o corrente mês.

Registamos êste facto com a mais satisfação, pois bem revela o carinho que Sua Ex.ª dispensa ao nosso milho.

ANTONIO M. SARAIVA

Seguiu para Alter-do Chão, visita a sua Ex.ª irmã, Sr.ª D. Maria Conceição Saraiva, digna professora naquela localidade, o nosso presado amigo, Sr. António M. Saraiva, inteligente Chefe da redacção de «O Castanheirense».

Dr. Albano COELHO

INTERNO DOS HOSPITAIS

Ouvidos, Nariz e Garganta
Operações

Calçada do Carmo, 6, 1.º, D. (Rossio)

Telefone 22070

LISBOA

Consultas às 17 horas

José Bebiano C. H. Silva

ADVOGADO

Castanheira-de-Pêra

A's segundas-feiras
FIGUEIRÓ-DOS-VINHOS

LIMPOPE

A CAMISA preferida pelas Elites porque é CAMISA de ÉLITE.
Vende José Coelho Júnior

Em defesa da Lavoura

NÚMERO AVULSO 60 CENTAVOS

O Castanheirense

Visado pela Comissão de Censura de Coimbra

ASSINATURAS:
Quadrimestre 7\$20
Cobrança pelo correio
mais 1\$00

PUBLICA-SE NOS DIAS
1, 10 e 20
DE CADA MÊS

ASSINATURAS
Estrangeiro: ano 4\$10
Império Português:
ano 3\$60

Noticias & Informações

UM AVISO...

Há dias apareceu na estação de Leiria, um cavalheiro de uns seus 23 anos de idade que dizia ser solteiro e bom rapaz e, ainda por cima, fiscal da Junta Nacional do Azeite.

E com estes predicados todos, que não são de deitar fora e em certas ocasiões teriam bom cabimento, vá de entrar por uma casa dentro, para fiscalizar as irregularidades que supunha saber lá existirem. A multa era inevitável e muito pesada. Mas o rapaz, bom moço, simpático e de boas palavras, não queria fazer sangue.

Tudo se arranjava pela módica quantia de setenta escudos, desde que fôsse esportulada imediatamente.

Este imediatamente deu no goto, pois que o transgressor era pessoa calma e não tem por hábito fazer as coisas no ar. E, palavra puxa palavra, identidade quer identidade, o certo é que se chegou à conclusão de que o fiscal era um autêntico vigarista.

Levou ali mesmo umas taponazitas e foi entregue às autoridades, que, segundo parece, averiguaram tratar-se de um desertor.

Como pode aparecer por aí segunda edição de fiscais desta classe, aqui deixamos o aviso...

O TEMPO

Depois de alguns dias verdadeiramente primaveris, a temperatura baixou bruscamente. Os contrafortes e os pincaros da serra da Lousã ofereceram, mais uma vez, um aspecto deveras encantador — recobertos de um manto alvíssimo feito dos flocos do denso nevão que, sem cessar, caía durante algumas horas.

A batata

Não se compreende tão escandaloso comércio num artigo que deve abundar, pois todos sabem que tem entrado bastante batata no país. Todos os dias os preços sobem, sem qualquer justificação!

Por exemplo: Vendia-se a batata ao preço exorbitante de 4\$20 o quilo. Não bastava! Presentemente, aqui, na Castanheira, a batata — como ave rara — tem sido fornecida a 80\$00 a arrôba!!!

E' de presumir que só se ouvem protestos.

Não podemos ignorar que ainda existem negociantes sérios. Porém, uma parte está dando as piores provas que carecem de enérgico correctivo.

Seguros EM TODOS OS RAMOS

José Coelho Júnior. Cast.ª-de-Pêra

‘ÁGUA MOLE...’

Não vai há muitas semanas que, nestas mesmas colunas, nos referimos à fúria velocipedica da gaiatada que se inicia na habilitação pedaleira.

Descrevemos, então, embora de fugida, os sucessivos treinos dos futuros velocipedistas que, em plena vila, no dia mais movimentado e livre, dado aos que trabalham e destinado a passeio, cortam, desastados as estreitas ruas de Castanheira, sem medirem o perigo de um desastre no qual, na generalidade, a vítima é sempre o inofensivo atropelado.

Sabemos que palavras escritas «são papéis», — esquecidos e abandonados!

Mesmo assim, não desistimos de reclamar de quem superintende nestes movimentos da rua, a sua oportuna acção para evitar, mais cedo ou mais tarde, o relato de um lamentável acidente, nesta mesma secção.

«Água mole em pedra dura...» — diz o rifão.

Não esperamos pelo complemento do anexim!

OS QUE MORREM

D. MARIA DE S. JOSÉ ALMEIDA LACERDA

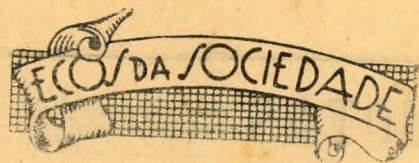
Figueiró - dos - Vinhos, 8-3-46 — Vítima de uma congestão cerebral, faleceu na sua residência, a senhora D. Maria S. José Almeida Lacerda, de 79 anos de idade, viúva de Augusto de Araújo Lacerda, que durante anos exerceu na nossa comarca as funções de solicitador encartado.

E extinta era mãe do Sr. José Almeida Lacerda, gerente do Banco Nacional Ultramarino na Agência de Chaves; das senhoras D. Beatriz e D. Francisca Almeida Lacerda, desta vila, e de D. Maria Almeida Lacerda, ausente no Brasil; sogra do Sr. Tenente João Gomes da Silva Teixeira; cunhada dos Srs. Joaquim de Araújo Lacerda, Carlos de Araújo Lacerda, padre Acúrcio de Araújo Lacerda, e das senhoras D. Raquel de Araújo Lacerda, D. Ermelinda de Araújo Lacerda Freitas, D. Emília de Araújo Lacerda, D. Maria Josefina de Araújo Lacerda Valadares, esposa do Sr. Tenente Ambrosiano de Aguiar Valadão.

O funeral, a cargo da Agência Francisco Simões Agria Júnior, realizou-se para o cemitério desta vila, com grande acompanhamento.

A família enlutada apresentamos as nossas sentidas condolências. — C.

ASSINAI «O Castanheirense», defensor do bem da Região!



DOCTOR FERNANDO BISSAYA BARRETO

De visita a sua respeitável família esteve, com curta demora nesta vila, o nosso ilustre conterrâneo, Excelentíssimo Sr. Doutor Bissaya Barreto, consagrado Professor da Universidade de Coimbra.

DR. ANÍBAL DIAS CORREIA

Acompanhado de sua Ex.ª esposa esteve nesta vila, em casa de sua estimada família, o Ex.º Sr. Dr. Aníbal Dias Correia, distinto advogado nas Caldas da Rainha.

D. MARIA DE LOURDES PRECIOSA COELHO PINAZ

Numa Casa de Saúde, em Vizeu, foi operada, à apendicite, no dia 7 do corrente, pelo abalizado cirúrgico Sr. Dr. Bissaya Barreto, a Ex.ª Sr.ª D. Maria de Lourdes Preciosa Coelho Pinaz, dilecta esposa do, nosso presado amigo, Sr. Manuel Tomás Pinaz, filha do nosso considerado proprietário, Sr. José Coelho Júnior e de sua digna esposa, Sr.ª D. Maria Preciosa Coelho.

§ § §

Também em Coimbra foi operada a esposa do nosso bom amigo e assinante, Sr. Manuel Fernando Soares, digno professor primário em Mira d'Aire.

A's duas senhoras, que se encontram livres de perigo, deseja «O Castanheirense» pronto restabelecimento.

Partidas e chegadas:

Em gôso de férias do Carnaval estiveram nesta vila os senhores:

Dr. Francisco Campos e esposa, Ex.ª Sr.ª D. Alda Bebianno Ceppas; os estudantes, Abílio Gama, Rui Paulo, Vasco e Acácio Santos Coelho, Vasco Fernandes de Carvalho, e as meninas Maria Soledade Carvalho e Maria Rosário Carvalho.

— Regressou a esta vila o viajante da firma local, Tomás & Carvalho, Limitada, Sr. Waldemar Salvador Rosinha.

— Esteve em Coimbra o Sr. Severino Roballo Ruben, digno delegado da Intendência G. dos Abastecimentos em Castanheira.

Doentes:

Tem passado mal de saúde a estimada esposa do Sr. Eduardo Silva, hábil contabilista da Fábrica Ceppas.

Baptizados:

Na igreja Matriz desta vila recebeu as águas lustrais um filhinho do nosso amigo e assinante, Sr. José Francisco da Costa e de sua esposa Sr.ª D. Maria Soledade Diniz Antunes.

Foram padrinhos o Sr. Adrião Henriques dos Reis e sua Ex.ª irmã. O neófito é neto do Sr. Horácio Francisco Antunes, nosso presado amigo.

«O COMÉRCIO DE GAIA»

Reapareceu este semanário que vê a luz da publicidade na laboriosa Vila Nova-de-Gaia.

Agradecemos a sua visita.

PENSÃO FAMILIAR

Castanheira-de-Pêra
doç. Jantares. Pensão completa
ua corrente. Casa de banho

Telefone:
UM TRÊS

FECHAR:

Receita culinária:—Deita-se a caçarola duas senhas de ramalhão de ovos e batem-se em um bolo de... Vide. Junta-se uma colher de açúcar, mexendo bem, até ao ponto de reboçado.

Deita-se a massa em fôrmas untadas com senhas de manteiga e leva-se ao forno. Quando cheirar pelo queimado, chamam-se os convidados para que o pudim não se queime.